

## Reflexão

### Na flor de sua própria idade: um encontro com o velho



*Lincoln Shaycoln Teixeira Santos e Dede*

*Raimunda Eliana Cordeiro Barroso*

O envelhecimento populacional é um fenômeno contemporâneo que vem preocupando os governantes em nível internacional. Vários problemas são atribuídos à velhice, desde os relativos à saúde física e mental do idoso, até os relacionados a desequilíbrios nas finanças públicas. Com o aumento significativo da expectativa de vida evidencia-se a prevalência de doenças crônicas, demandando, assim, uma maior oferta dos serviços de saúde e do sistema de previdência social. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015, p. 5):

Uma criança nascida no Brasil ou Mianmar em 2015 pode esperar viver 20 anos mais que uma criança nascida há 50 anos. Na República Islâmica do Irã, apenas 1 em cada 10 pessoas da população tem mais de 60 anos em 2015. Em apenas 35 anos, essa taxa terá aumentado em torno de 1 a cada 3.

O cenário que se pode vislumbrar, em decorrência das mudanças, suscita reflexões acerca desse processo e, principalmente, sobre o sujeito que envelhece. Nesse contexto, considera-se relevante refletir sobre o envelhecimento como um processo marcado historicamente e culturalmente, e por questões subjetivas que dizem respeito ao idoso. A ênfase desta reflexão está voltada para esta última questão, tomando-se de empréstimo as lentes de Jack Messy, psicanalista francês, e de Jung, pai da psicologia analítica.

## As imagens da velhice

De acordo com Mascaro (2004), na Antiguidade, a velhice era algo raro, pois as condições de vida eram precárias e difíceis, e não existia nenhuma forma de auxílio para as pessoas mais velhas, de forma que, muitas vezes, os indivíduos trabalhavam até avançada idade. Sobre a velhice na Grécia antiga, entre vários aspectos abordados, Beauvoir (1990, p. 125-126) afirma que:

Sabe-se que em Esparta a velhice era honrada [...] É normal que essa sociedade oligárquica, opressiva e estática tenha confiado, em grande parte, o poder aos cidadãos que eram ao mesmo tempo os mais velhos e os mais ricos [...] Os anciãos, encarregados de formar a juventude, inculcavam nesta o respeito à idade avançada [...] Em Atenas, as leis de Sólon, conferiam todo poder às pessoas idosas.

Segundo Mascaro (2004), na Idade Média, a duração da vida ainda era bastante incerta, e os mais velhos, de baixo poder aquisitivo, deparavam-se com grandes dificuldades de sobrevivência. No entanto, aquele que tinha posses era respeitado. Na sociedade europeia, poucos sabiam ler e escrever, e eram os mais velhos que transmitiam oralmente conhecimentos e experiências. Sobre o velho na sociedade feudal, Beauvoir (1990, p. 158) destaca que:

O homem idoso tem apenas, nessa sociedade, um papel apagado. A administração de um feudo exige que se seja capaz de defendê-lo com a espada [...] Considerava-se a sociedade dividida em três ordens: os que oram, os que se batem, os que trabalham; colocava-se a espada acima do trabalho, e até mesmo da oração; é o guerreiro ativo, o adulto na força da idade, que ocupa a frente da cena.

A partir do século XIII, as condições de vida da população em geral melhoraram consideravelmente e, conseqüentemente, o número de pessoas mais velhas aumentou. A medicina tornou-se mais rigorosa e os meios de subsistência passaram a ser mais acessíveis. Apesar das melhores condições de trabalho e de sobrevivência, a desigualdade social ainda era marcante, e o homem velho e rico continuou tendo muitas vantagens em relação aos velhos das camadas pobres da população (MASCARO, 2004).

De acordo com Beauvoir (1990, p. 111), “até o século XIX, nunca se fez menção aos ‘velhos pobres’ [...] a longevidade só era possível nas classes privilegiadas; os idosos pobres não representavam rigorosamente nada”. Para Cordeiro (2014, p. 48):

Sempre existiram velhos, mas só recentemente, no século XX, o conceito de velhice foi disseminado com reconhecimento massivo dessa etapa de vida, contendo

questões que motivaram a pesquisa científica e elementos que repercutiram da ciência na reconstrução do cotidiano de pessoas em processo de envelhecimento, além de novas possibilidades de vida para quem está mais avançado na idade.

De acordo com Schneider e Irigaray (2008, p. 585), as “condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso”. Para os autores, a modernidade destituiu os papéis dos velhos no ocidente e a contemporaneidade é extremamente violenta para com essas pessoas, pois ela potencializa a longevidade, mas usurpa do velho a sua função.

Além disso, os idosos são, muitas vezes, inferiorizados devido à possível inaptidão em relação à utilização das tecnologias. Pacheco (2005 apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 587) exemplifica tal fato, citando os aparelhos de telefone celular:

Em poucos anos, eles se modificaram centenas de vezes. Desenhos modernos, bonitos e funcionais são criados para que as pessoas pareçam antenadas, jovens e bem-sucedidas. O medo da transformação que surge com a velhice assemelha-se um pouco aos fenômenos dos celulares. Tem-se medo de envelhecer como se tem receio de ser ridicularizado ao usar o aparelho antigo de dez anos, como os tijolões dos “tiozinhos”. O ser humano envelhecido é-nos apresentado, pela ideologia dominante, como o aparelho ultrapassado. Fala, mas ninguém quer!

Segundo Schneider e Irigaray (2008), a sociedade supervaloriza a juventude, a autonomia e a beleza e, portanto, o velho passa a ser menosprezado e desvalorizado, pois a ele não são atribuídos esses valores. Assim, cria-se uma classe de pessoas que não possuem mais as características exigidas pelo ideal da sociedade de mercado contemporânea - os idosos. No Brasil, o ritual que marca a transição de homem adulto e autônomo para o homem idoso e dependente é a aposentadoria e, muitas vezes, esta pode representar um certificado de inutilidade. Além disso, é aos idosos que se atribuem muitos dos problemas das sociedades “desenvolvidas” e não é raro que eles sejam responsabilizados pelos déficits que desencadeiam crises econômicas.

Os desafios enfrentados pelos idosos e por aqueles que estão se aproximando da fase da velhice, tem como cenário a transição no perfil da população, que está se tornando cada vez mais grisalha, observando-se, também, um processo de mudança na concepção acerca do que é ser um velho em nossa sociedade.

### **Quem é o velho?**

Diante dessa questão incômoda, Messy (1999, p. 14) argumenta que “o velho é o outro, no qual não nos reconhecemos”. O enquadramento do sujeito no lugar

destinado ao velho parece não ser possível, pois só faz sentido a existência do velho se comparada ao eu (não velho).

Assim, como o mais velho é sempre aquele que nasceu antes de nós, e como nascemos antes do outro, então, “somos sempre o velho de alguém” (p. 14). Na velhice, o espelho pelo qual a criança organiza a totalidade corporal, antes despedaçada em um emaranhado de identificações, se estilhaça diante de uma imagem que não se conforma ao eu. Então, o corpo visto no espelho, não reconhecido, é o corpo do Outro.

Todos nós ficamos algum dia espantados com um velho retrato nosso: “Era eu nessa foto? Como eu era jovem!” Era, não é mais. Quem será “eu”? Um outro? E a esta inquietação se enche de temor se nossa imagem no espelho não adere mais à imagem da memória, mas antecipa uma imagem vindoura, marcada pela velhice, confundida com a imagem de um pai ou outro parente idoso, talvez morto (MESSY, 1999, p. 15).

Embora o envelhecimento atinja a imagem no espelho, o eu e sua imagem se distanciam, e Messy (1999, p. 15) exemplifica esse processo a partir da obra “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde: “como Dorian Gray, assistimos impotentes ao envelhecer de nossa imagem, sem, contudo, sentir realmente, os efeitos do envelhecimento”.

Messy (1999) salienta, ainda, que o envelhecimento é diferente da velhice, pois ele funciona como um processo inerente à vida. O envelhecimento inicia-se no nascimento e tem o seu fim na morte. Esse processo é regido por dois vetores antagônicos, o da aquisição e o do desgaste. De acordo com o autor, o vetor que representa o desgaste é o mais destacado e iluminado pela luz positiva do pesquisador moderno, que percebe as perdas quantitativas de massa muscular, de massa óssea e de colágeno e as perdas qualitativas da degenerescência. Mas, conforme salienta o autor, uma importante questão referente ao envelhecimento deverá ser a percepção da linha entre o normal e o patológico.

Atribuir o desgaste ao velho é coerente, no entanto ele não se dá em uma fase específica da vida, mas em todo o ciclo vital. De acordo com Messy (1999), ao longo do tempo, sofreremos perdas e separações, fazendo com que o objeto que nos constituiu por espelho, quando retirado, atinja nosso ego “[...] constituído de imagens de objetos investidos, e cada perda de objeto ameaça-o diretamente de ressecamento ou de esfoliamento imaginário” (MESSY, 1999, p. 21).

O processo de envelhecimento é marcado não só por perdas, mas também por ganhos, mas o que denunciará a velhice é o olhar da sociedade sobre o sujeito, e não o olhar do Ego sobre si mesmo. De forma que a percepção de estar envelhecendo se dará no movimento em que o Ego tentará se aproximar do que ele pensa de si, e daquilo que a cultura diz que ele é.

## Anciões do século XXI

Em uma perspectiva teleológica e energética, tomando como referência a psicologia junguiana, o envelhecimento e o velho podem ser pensados de forma diferente. Segundo Jung (2013, p.14) “o desenrolar do processo energético possui uma direção (um objetivo) definida, obedecendo invariavelmente (irreversivelmente) à diferença de potencial”.

Nesse sentido, é possível pensar o envelhecimento como um processo de transferência de energia. Ao considerarmos a *psique* como “um sistema relativamente fechado” (Jung, 2013, p. 17), não se pode atribuir ‘perdas’ à velhice, mas reorganizações energéticas, em outras palavras, as características psíquicas da velhice são diferentes daquelas da juventude.

Na visão de Jung, o que ocorre é um arranjo psíquico diferente, no qual o velho apreenderá o mundo de uma forma nova. Para ilustrar esse assunto, lançamos mão de um texto clássico em que Cícero (2001, p. 18-19) trata do tema velhice da seguinte forma:

Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento.

Para Jung (2011), a segunda metade da vida funciona de forma diferente da primeira. Enquanto a primeira metade do percurso vital é caracterizada pelo distanciamento da infantilidade, que se apresenta como a dependência psíquica dos filhos em relação aos pais, pelo desenvolvimento das habilidades individuais e pela ação expansiva, agregadora e exploradora da *psique* como um sol em ascensão, a segunda metade se apresenta mais introspectiva, mais profunda, como um sol que, ao se minguar no horizonte, direciona seus raios sobre si mesmo.

De acordo com o autor, diante da passagem de um período da vida para o outro, o homem pode se atemorizar, pois, assim como o jovem adulto se apega muitas vezes às características infantis, ele, o homem na segunda metade da vida, poderá se apegar aos valores adquiridos na primeira metade. Além disso, não existe, em geral, uma preparação para essa nova fase, por isso, muitas vezes, se entra nela achando que os valores da primeira etapa ainda responderão às exigências da existência.

Afirma Jung (2011, p. 355) que, nesse sentido, “não podemos viver a tarde de nossa vida segundo o programa da manhã, porque aquilo que era muito na manhã, será pouco na tarde, e o que era verdadeiro na manhã, será falso no entardecer”.

Com sua visão finalista, Jung (2013) traz uma compreensão sobre o envelhecimento, segundo a qual o desenvolvimento humano se apresenta a partir de um sentido, de uma finalidade própria. Para a psicologia analítica, o homem caminha na direção do si mesmo, no sentido de tornar-se quem ele é, por meio de um processo no qual seu potencial poderá ser realizado.

No entanto, de acordo com esse teórico, pouquíssimas pessoas se apropriam das técnicas e da inspiração necessária para exercer com maestria a arte de viver. Pois, na velhice, muitos ainda vivem sob a “ilusão de que a segunda metade da vida deve ser regida pelos princípios da primeira” (JUNG, 2013, p. 356).

Porém, “o homem que envelhece deveria saber que sua vida não está nem em ascensão nem em expansão, mas um processo interior inexorável produz uma contração da vida” (JUNG, 2011, p. 355).

Nas tribos primitivas observamos, por exemplo, que os anciãos quase sempre são guardiões dos mistérios e das leis, e é através destas, sobretudo, que se exprime a herança cultural da tribo. E como se passam as coisas entre nós, sob este aspecto? Onde está a sabedoria de nossos anciões? Onde estão os seus segredos e as suas visões? Quase sempre a maioria de nossos anciões quer competir com os jovens (JUNG, 2011, p. 357).

Jung faz uma crítica severa à modernidade e aponta para diversos sintomas patológicos da sociedade de sua época, entre eles, a forma como são tratados os velhos.

### **Considerações finais**

O tema do envelhecimento e da velhice atravessa a história e é capturado por diferentes perspectivas teóricas. O encontro com o velho, enquanto objeto de estudo, exige do pesquisador bastante cautela, dada a carga de subjetividade impregnada na percepção em torno da experiência de envelhecimento. A dificuldade de lidar com a figura do velho pode ser considerada como o medo de enfrentar uma fase da vida representada, muito mais, como um período de declínios e perdas do que uma etapa de aquisições possíveis.

Ao realizar essa discussão, Messy (1999) coloca o leitor frente a um espelho que retrata de modo verossímil o estranhamento e a negação do sujeito diante de seu processo de tornar-se velho. Mesmo reconhecendo a dificuldade das pessoas para encararem a velhice, o autor adverte, ao longo de sua obra, que o envelhecimento diz respeito a todos, e não apenas aos velhos.

Apesar dos muitos desafios, concluímos que a velhice pode ser vivenciada pelo sujeito como uma etapa na qual as perdas não ofusquem as riquezas adquiridas pelo ser que envelhece.

Baseado em Jung (2011), observamos a necessidade de um resgate não apenas do papel social, mas da disposição da pessoa, como parte de seu processo de individuação, de recolher os seus raios, voltados para o mundo exterior na primeira metade da vida, para iluminar o seu próprio interior, na outra metade. Talvez por meio desse mecanismo o indivíduo possa reconciliar-se com o velho que brota em si, no entardecer da vida, e usufruir do perfume exalado pela flor de sua própria idade.

## Referências

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CÍCERO, M.T. *Saber envelhecer e a amizade*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&P, 2001.

CORDEIRO, D.S. *A idade de ouro da velhice*. Crato: RDS, 2014.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. *A energia psíquica*. Tradução de Maria Luiza Appy. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MASCARO, S. A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. Tradução de José de Sousa e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Resumo. Genebra, 2015.

SCHNEIDER, R.H.; IRIGARAY, T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008.

*Data de recebimento: 11/03/2018; Data de aceite: 21/05/2018*

---

**Lincoln Shaycoln Teixeira Santos** – Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [lincolnteixeira92@gmail.com](mailto:lincolnteixeira92@gmail.com)

**Raimunda Eliana Cordeiro Barroso** – Professora do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará. Psicóloga (UFC). Mestre em Saúde Pública (UECE). Doutora e Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [eliana.barroso@uece.br](mailto:eliana.barroso@uece.br)

